

OPINIÃO

O apagão da vergonha nacional


MAURÍCIO CORRÊA
Advogado

Há mais de seis meses encontra-se o país perdido na bagunça em que se transformou o setor aéreo nacional. Viajar de avião passou a ser desventura que não teve tempo de acabar. Compromissos previamente ajustados para dia e hora se desfazem em lamúrias a espavoridas atencentes. Brigas, xingamentos, desaforos, raiva, sopapos, noites indormidas, enfim, frustrações de toda ordem somam-se à falta de qualquer aceitável justificação. Mais do que o desgaste físico e moral do passageiro, o pior é não ter informação satisfatória de qualquer espécie. Ultrapassado, estressado, vilipendiado, vê-se ele na triste posição de espectador entregue às desditas da insegurança.

Há pouco tempo, conhecida companhia aérea vendeu, irresponsavelmente e em ação continuada, mais bilhetes do que comportavam os assentos de suas aeronaves, praticando o que, no jargão das companhias aéreas, é overbooking. Foi um deus-nos-acuda. Houve protestos e gritaria de todos os lados. Verdadeiro pandemônio babélico se formou. As autoridades aeronáuticas ficaram de apurar o abuso. Se realmente apuraram, ninguém sabe no que deu. Na crise do momento, parece, entretanto, que as companhias aéreas também foram pegadas de surpresa. Como o controle do tráfego aéreo está a cargo das autoridades aeronáuticas, a responsabilidade pelo caos instaurado é, de fato, dos controladores de vôos, em última análise, do Poder Executivo.

A situação comporta reflexão. O que para os leigos se apresentava como algo inexistente, hoje está mais do que claro. Assim é que a nação ficou sabendo que os equipamentos que dão suporte aos centros de controle de tráfego aéreo do país estão mais do que obsoletos. Há, ademais, insuficiência de controladores, os soldos ou salários que percebem são desproporcionais ao que deles se exige em responsabilidade e atenção. Está provado que o trabalho que desempenham é altamente estressante. Qualquer cochilo pode ser fatal. Sob seus cuidados estão, afinal, tripulantes e passageiros das aeronaves nos espaços aéreos.

O pânico instalado no país foi obra exclusiva dos controladores de vôos e por eles assumida. Não esconderam o que fizeram. Antes do episódio envolvendo o jato da Gol, que causou 154 mortes, já alertavam para o grave problema do setor, e do abandono em que se encontra. De lá até o momento, as coisas estão do mesmo jeito. Há mais de seis meses que o país vive esse mesmo jogo de empurra-empurra. Nada de concreto foi feito. Papel para lá e para cá. Reuniões aqui e ali, que de nada valeram. O presidente da Anac, recorde-se, afirmou reiteradas vezes que tudo estaria resolvido até o Natal do ano passado. Brincadeira. A mixórdia não parou, continuou. Homens que administram coisas sérias fazendo troça com o povo.



Num país em que as autoridades encarregadas de dar solução ao impasse nada fizeram, porque enrolaram, embromaram, mentiram e até festejaram o infortúnio dos aflitos passageiros com baforadas de Cohiba em bodas na Bahia, é, de certo modo, compreensível que a paciência dos controladores tenha se esgotado. Como se viram vítimas do descaso e da insolência de seus superiores, apelaram para o radicalismo. Cruzaram os braços. Ora, não podia ser diferente. Daí veio a barbúria, o caos, a vergonha, a desordem. Serão somente os controladores que devem pagar o pato? Por que não incluir no rol dos culpados, direta ou indiretamente, também as autoridades do Ministério da Defesa, do Comando da Aeronáutica, da Anac, da Infraero, que são tão ou mais responsáveis do que eles?

Sim, óbvio, os próprios controladores reconhecem que praticaram motim, crime grave tipificado no artigo 149 do Código Penal Militar. Agiram erradamente para chamar a atenção do drama em que vivem. Cometeram quebra de disciplina e hierarquia? Sim. Mas as autoridades superiores também não deram causa a que isso acontecesse? Durante todo esse tempo da baderna aero-

portuária a nação se viu diante de um Ministério da Defesa que, por tibieza, incapacidade ou incompetência, não deu conta de encontrar solução para a crise.

Se o presidente da República autorizou que se negociasse com os amotinados, prometendo até anistia, isso é possível, já que é o comandante-em-chefe das Forças Armadas. Deveria, entretanto, antes, ter medido as consequências do ato. Se, arrependido, voltou atrás, como parece, por pressão, não é bom. As Forças Armadas têm como premissas a hierarquia e a disciplina. Certo ou errado, se autorizou, deveria sustentar a palavra. Militar não gosta de chefe fraco. Aprecia quem tem autoridade para mandar, por isso obedece. O contrário é insubordinação.

O governo em vez de impedir a instalação da CPI do Apagão deveria é facilitar-lhe o funcionamento. Que se apure o desleixo das autoridades que nada fizeram. Substitua-as já por quem seja mais competente. Mande de volta para casa quem nada fez, colocando no lugar quem possa fazer alguma coisa. No entanto, aproveitem e investiguem as assustadoras acusações de roubo-lheira na Infraero.


ARI CUNHA
visto, lido e ouvido
Desde 1960

 ari.cunha@correioweb.com.br
 com Circe Cunha // circe.cunha@correioweb.com.br

Perdão

Perdoar é quando você sente a ferida e ela não dói mais. Foi belo, o gesto dos controladores de vôo do Brasil. Ninguém é obrigado a fazer tudo certo na vida. Afinal seria abrir mão do livre arbítrio, que Deus nos deu como ônus e bônus. Gesto simples de reconhecer e pedir perdão merece carinho e atenção. Afinal foram dias infernais vividos pelos passageiros dos aviões brasileiros. Muita gente sofreu, houve desespero e gestos impensados. Aquele rapaz que agrediu uma funcionária de aeroporto foi a cena viva de quem se esquece dos gestos de perdão e atenção. Há deficiências de equipamento. Os governos se desviaram de obrigações prementes e desleixaram no trato com pessoas e máquinas. A tecnologia deve ser acompanhada a todo instante de observações permanentes. Há necessidade de atualização das pessoas e instrumentos. O Brasil deitou em berço pensando ser esplêndido, mas era um vulcão. As empresas de aviação perderam muito dinheiro e quase perdíamos a posição superior que desfrutamos graças ao entusiasmo dos aviadores. Estamos na primeira linha da aviação mundial e temos obrigação de segurar esse crédito. Enfim, foi belo o gesto dos que controlam os vôos. Valeu. Afinal, a vida é de amigos.

A FRASE QUE NÃO FOI PRONUNCIADA

"Afinal, esperávamos uma Páscoa no segundo mandato de Lula, mas, pelo visto, nenhuma proposta nova. Nenhuma boa idéia ressuscitada."

Dom Luiz Cappio, com os seus botões, andando pelo povoado

Ação

Um por cento dos impostos de importação pode ser dirigido ao Fundo Mundial do Meio Ambiente. Seria uma agência internacional nos moldes do FMI. Aloizio Mercadante convidou o ex senador Al Gore para vir ao Brasil trocar idéias sobre o assunto. Al Gore lançou o livro *Uma verdade inconveniente – o que devemos saber (e fazer) sobre o aquecimento global*.

Aniversário

Está pautada uma sessão especial no plenário do Senado, em homenagem aos 47 anos de Brasília. Será no dia 19 de abril. O requerimento foi formalizado pelo senador Adelmir Santana. Homenagem aos que aceitaram o desafio de JK.

Conhecimento

Estudantes de direito terão em breve a oportunidade de participar de intercâmbio entre as cortes supremas dos países do Mercosul. Animada com o projeto, a ministra Ellen Gracie conseguiu do BID um financiamento de US\$ 150 milhões. O modelo é semelhante ao Erasmus, da União Europeia, que completou 20 anos e mobilizou 1,2 milhão de estudantes.

Pan

[ingresso2007.org.br] é o endereço para quem quiser assistir aos jogos do Pan. De 27 de abril a 20 de junho, os bilhetes serão vendidos pela internet e entregues em domicílio.

Depois a venda será nas instalações do Pan, no Rio de Janeiro.

Desperdício

Indústrias que processam suco e polpa de maracujá não têm noção do valor no mercado das cascas e sementes. Vitaminas, pectina (que dá firmeza a doces e geléias), componentes que controlam a glicemia, ácidos graxos são alguns dos valores agregados. Rosemar Antoniassi, da Embrapa Agroindústria de Alimentos do Rio de Janeiro, apresentou um estudo para reverter essa situação.

Resumo

"Vamos enfrentar a onda populista. Queremos construir um projeto contra o aumento dos juros e dos impostos." Onyx Lorenzoni (RS), líder do Democratas na Câmara. Essa é uma prévia do que será a visita dos prefeitos ao Palácio do Planalto. Insatisfeitos, eles querem só que as promessas do presidente Lula sejam cumpridas.

Modernizar

TJs de todo o país começam a adotar medidas para a implantação do processo virtual. No Ceará um seminário sobre o "Processo Judicial Eletrônico Modernizando a Justiça Estadual". Teleconferência, velocidade, capacidade de armazenamento, comunicação entre a Justiça e a rede bancária são algumas das vantagens apresentadas pelo desembargador Fernando Luiz Ximenes Rocha.

Diário de Sampa


JAIME PINSKY
Professor titular aposentado da Unicamp, diretor da Editora Contexto e organizador do livro O Brasil no contexto, 1987-2007

Juizes de futebol e bandeirinhas erram com frequência: por preguiça de correr, falta de forma física, parco entendimento de regras, má-fé e outros tantos motivos. Suas mães são "homenageadas" pelos torcedores do time prejudicado, mas a coisa logo é esquecida. Menos quando a auxiliar é uma mulher e, pior ainda, bonita. Os sábios juriconsultos do ludopédio, como castigo por um pecado venial, colocam-na para bandeirar jogos da segunda divisão paulista.

Empenhados em melhorar o fluxo da Rodovia dos Bandeirantes, que liga São Paulo ao norte e noroeste paulista, a concessionária alargou alguns trechos criando uma quarta faixa de rolamento, nos dois sentidos. Acostumados a trafegar pela pista do meio, supostamente a mais segura (pelo menos havia um instrutor de auto-escola em Campinas que garantia isso; eu só não sabia que ele tinha tantos adeptos), os motoristas lentos não tiveram dúvida: bandearam-se para a terceira pista, deixando a primeira para um ou outro caminhão e a se-

gunda vazia. Desperdício que a polícia — preocupada apenas em punir quem ultrapassa em dois ou três quilômetros a velocidade permitida — não se interessa em corrigir. E a estrada vive o paradoxo do congestionamento convivendo com pistas vazias.

São Paulo não tem apenas ruas lotadas de automóveis, mas presença a deterioração das regras de cordialidade no trânsito, por tensão, ignorância e falta de civilidade dos motoristas, assim como por falta de policiamento preventivo. Os únicos funcionários que são vistos, ostentam os blocos de multas exclusivamente para estacionamento proibido e avanço de semáforo. Automóveis e caminhões caindo aos pedaços pode, como pode parar em fila dupla, não respeitar prioridade em rotatória (isso é coisa de boiolo, explicou-me o motorista do táxi em que eu estava) e, principalmente, invadir faixa de pedestres. As poucas ainda existentes são invadidas por todo tipo de veículo e motorista. E os pedestres? Em São Paulo pedestre não é gente.

Apesar de ser, para mim, a melhor cidade do Brasil, devo reconhecer que São Paulo é feia. Mesmo aquela pequena região que chamamos de centro expandido, onde ficam quase todos os lugares que freqüentamos, não é nenhuma beleza. Até pouco tempo atrás todos reclamavam das placas comerciais imensas que escomdiam até as linhas arquitetônicas das edificações. O atual prefeito,

de direita (ou centro, como ele diz, pois no Brasil, estranhamente, ninguém se confessa de direita), resolveu enfrentar os muitos interesses em jogo e estabeleceu regras para a publicidade externa. Só a diminuição do tamanho dos arcos de triunfo gastronômico de uma rede de hambúrgueres insossos já valeria a pena, mas, como há que criticar o alcaide, tem gente que começou a achar que mulher pelada de dez metros de comprimento ingerindo cerveja é politicamente correto.

Nada mais burguês em São Paulo do que um intelectual de esquerda motorizado. Em recente evento social, fiquei numa roda de gente de espírito crítico, muitos livros publicados, nomes carimbados. Quando o papo caiu no assunto motocicleta, as máscaras caíram. O ódio que eles revelaram ter quando um dos motoqueiros profissionais se aproximava do seu valente Golzinho (uma conhecida intelectual ficou com um fusca caindo aos pedaços durante anos por uma questão de princípio) só se comparou com a alegria com que expressaram seu encanto "pelos conquistas de Hugo Chávez para todo o povo latino-americano". Quando lembrei que se tratava de trabalhadores fundamentais para impedir que a cidade parasse (cada motoqueiro faz entregas que quatro automóveis teriam que fazer, o que equivaleria a colocar mais uns 400 mil veículos nas ruas de São Paulo), seu ódio frustrado encaminhou-se para o "sistema", que tem costas largas.